Brás- Ilha

Juliana Ribeiro

Eu fiz uma viajem
"A qual foi pequenininha"
Fui ao Templo dos Palmares
Que ficava numa Ilha
Feita de barro, flores e ar seco
No coração do Brasil

Nesta Ilha aprendi que:

Dignidade não se compra na feira
Nem se perde na ventania:
É inerente à condição de alguns humanos;

O tempo é a expressão maior da sabedoria:
Relativiza as ações
E justifica as escolhas

Fortaleza de gente é admitir
Sua humanidade, fraquezas e franquezas
Aumentando sua vida útil no planeta

Em Brás-Ilha entendi que:

2+2 pode ser = infinito;
O som do universo
Acontece no silêncio do crepúsculo;
E que pra gente existir em plenitude
É necessário exercitar nossos equívocos

Que somos efetivamente animais:
Andamos em bando
E buscamos parcerias para melhor sobreviver

Que amizade é construção,
Convivência, afinidades
E pode nascer na mesa de bar junto à inspiração

Vibrei com a música de Palmares
Viva na atualidade;
Entendi que a diversidade
Só acontece na tolerância;
E que toda transformação
Tem sua dose de rebeldia

Percebi que uma condição histórica
Pode ser revertida com afirmações culturais

E que ainda se *semba* com animação
Quando se tem música, bebidas
E Dona Alaíde no feijão

Vi do alto e vi além:
Do casamento de Olorum com a Deusa Música
Príncipes e princesas
Povoam a Ilha de Brás

Conscientes de sua divindade
Andam de cabeça em pé,
Afirmam sua beleza, sua história
E cantando dizem: AXÉ!